

Saga brasileira

Das 19 escolas de aprendizes aos centros federais de educação tecnológica: a evolução do ensino profissionalizante

Por Osvaldo Vieira do Nascimento*

Conhecer os principais marcos históricos que demarcaram o crescimento do ensino tecnológico é fundamental para mostrar o quanto os jovens precisam se profissionalizar. E, o mais importante, indica que o Brasil precisa de técnicos para diminuir a importação de mão-de-obra e do ensino técnico profissionalizante para dar continuidade ao processo de desenvolvimento social e econômico.

Porém, para analisar o conteúdo histórico dos últimos cem anos do ensino profissional no país, é preciso contextualizar o percurso ideológico, social, econômico e, conseqüentemente, político desse período, pois houve avanços e retrocessos que desenharam nossa estrutura de ensino tecnológico de hoje. Essa imersão na história aprofunda os fatos políticos que, nas várias ocasiões, influenciaram e decidiram os destinos do ensino profissional,

contextualizados nas questões econômicas, sociais e ideológicas. Não existe um momento em especial que tenha desencadeado o maior desenvolvimento, mas sim vários fatos que, somados, estabelecem a importância que a escola tecnológica apresenta hoje. Confira a seguir os principais:

1909

O início da evolução da profissionalização do Brasil aconteceu no período colonial, com a criação do Liceu de Artes e Ofícios nos Estados do Rio de



Foto extraída do livro: Cem anos de ensino profissional no Brasil

Cenas da história do ensino profissionalizante: ao lado, alunos em atividades em oficina de mecânica da Escola de Aprendizes Artífices do Paraná, no início do século 20; na outra página, em trabalho de José Demeterco, o palacete da princesa Leopoldina, no Rio de Janeiro, que abrigou várias instituições de ensino profissionalizante, a começar pela Escola Normal de Artes e Ofícios Venceslau Brás, que atualmente abriga o Cetef Celso Suckow da Fonseca

Janeiro e São Paulo. Essas criações estabeleceram importantes aspectos metodológicos iniciais que caracterizaram esse tipo de ensino e sua evolução histórica. O presidente Nilo Peçanha, com sua visão social e econômica, vislumbrava o crescimento organizado. Criou, então, 19 escolas de aprendizes artífices, com o decreto 7.566/09, de setembro de 1909. Na época, Peçanha investiu na profissionalização, pensando nas pessoas sem recursos financeiros. A finalidade dessas escolas era profissionalizar a partir de metodologia didática e pedagógica, utilizando oficinas para a formação de operários e contramestres, com teoria e ensino prático.

1942

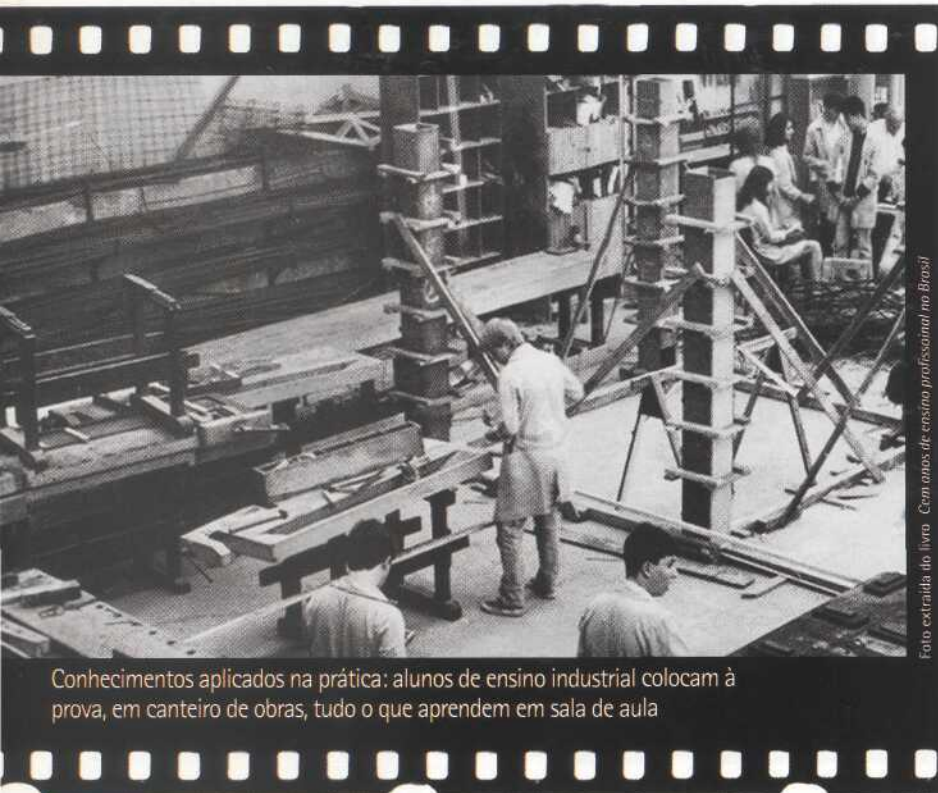
Com a criação da Lei Orgânica do Ensino Industrial, em 1942, o ensino industrial foi elevado para o nível médio. Assim, os

alunos do primeiro ciclo (curso básico industrial) estudavam o conteúdo do ensino propedêutico e praticavam uma profissão nas oficinas e laboratórios das escolas. Além disso, nesse ano, foram criados os cursos de aprendizagem industrial e comercial do Senai e do Senac, respectivamente.

1959

Nesse ano, ocorreu uma nova reformulação do ensino profissional: o curso básico industrial deixou de ser um conteúdo completo para a profissionalização para se transformar num programa com as características de um curso secundário, mas com a orientação técnica. Esse processo desencadeou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), pela Lei Federal nº 4.024/61, pela qual o ensino técnico passou a ter uma condição de igualdade em relação ao ensino secundário.

Anúncio



Conhecimentos aplicados na prática: alunos de ensino industrial colocam à prova, em canteiro de obras, tudo o que aprendem em sala de aula

Foto extraída do livro *Cem anos de ensino profissional no Brasil*

1971

Com o ensino propedêutico, chamado "pseudoprofissionalização", de segundo grau, imposto pela Lei Federal nº 5.692/71, houve a implantação dos cursos técnicos industriais de nível médio, com quatro anos de duração. Nesse período, foi feita a busca por equipamentos atualizados, que foram empregados nos laboratórios e oficinas, que foram totalmente habilitados para exercer funções tecnológicas no mercado de trabalho. Nas décadas de 60 e 70, o Ministério da Educação apresentou a criação dos cursos superiores de curta duração e dos de engenharia de operação, que se transformaram no curso de engenharia industrial que temos hoje. Nessa época, também houve a implantação e o funcionamento dos Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets), com a transformação

das, então, escolas técnicas federais do Rio de Janeiro (RJ), de Belo Horizonte (MG) e do Paraná.

2005 aos dias atuais

Posteriormente, outras escolas federais foram transformadas em Cefets, constituindo uma grande rede federal de ensino tecnológico. Hoje, o Cefet está presente em 33 centros federais no Brasil. Em 2005, o Centro do Paraná transformou-se na primeira Universidade Tecnológica Federal do Brasil, que atualmente é um dos ícones desse tipo de educação, composta por 144 unidades em todo o território nacional. A criação dessa universidade culminou numa trajetória vitoriosa do nosso ensino profissional, cujo centenário comemoraremos em 23 de setembro de 2009. Agora elevado à condição de ensino técnico e tecnológico, o ensino profissional foi

redescoberto pelo país. Será ele, sem dúvidas, o maior responsável direto pela capacitação e qualificação da mão-de-obra que o crescimento da nossa economia tanto reclama.

O maior testemunho da importância desse tipo de ensino - tão desprezado em sua origem e hoje tão mimado pela nossa sociedade - é o fato de que, no próximo ano, o nosso sistema de ensino profissional, ou seja, técnico e tecnológico, terá mais Cefets e Escolas Técnicas Federais (ETFs) do que em todos os seus cem anos de existência. Isto é, saímos de um sistema de 19 escolas de aprendizes artífices em 1909, para cerca de 340 novas ETFs e Cefets espalhadas por todo o país.

É graças a essa expansão, sem precedentes na nossa história, feita pelo governo federal - único capaz de criar, manter e sustentar um ensino caro e de qualidade como é o ensino profissional -, que o crescimento econômico e social do Brasil pode aspirar ao seu desenvolvimento e sustentabilidade.

Sem dúvida, o resgate do ensino profissional no Brasil é mais do que uma saga tipicamente brasileira. Trata-se de um grito de alerta para a melhoria da nossa educação e um chamamento às nossas responsabilidades, para com as futuras gerações deste país.

Oswaldo Vieira do Nascimento é mestre e doutor em Educação Profissional e Tecnológica pela Oklahoma State University - USA, autor do livro *Cem anos de ensino profissional no Brasil*, da editora IBPEX e diretor acadêmico da Fatec Internacional, pertencente ao Grupo Educacional Uninter, de Curitiba (PR)